

Parvus, Parva, Parvum...

Depois de Sudekum, o social-democrata que serviu de embaixador ao Kaiser, para ir à Itália pregar pelo menos a neutralidade, temos o social-democrata Parvus (que pelo nome não perca, tanto em latim como em português) a desempenhar a mesma missão na Turquia e na Bulgária. Segundo refere Kyrkow, secretário do Partido socialista búlgaro, o citado Parvus, de passagem de Constantinopla para Berlim, realizou uma conferência em Sófia diante de 4.000 pessoas.

«Parvus procurou justificar a atitude do partido socialista alemão, dizendo que ele lutou valentemente contra a guerra até ao instante em que a intenção agressiva do tsarismo russo pôs em perigo a democracia europeia e em que a social-democracia não podia proceder de maneira diversa de como procedeu.»

Mutatis mutandis, aqui está tudo, em resumo, o que se diz também deste lado: defesa da democracia, perigo iminente, império das circunstâncias e mais coisas que explicam erros e contradições sem os justificar nem tornar admiráveis ou aconselháveis.

«Terminando, Parvus declarou que, nas circunstâncias actuais, é preferível para os países neutros dos Balcãs pôem-se ao lado da Alemanha e da Austria e salvarem os seus interesses vitais contra a reacção absolutista da Rússia que procura abrir caminho para os Dardanelos através dos Balcãs.»

Parece a linguagem dos guerristas franceses e italianos, incitando o Estado italiano à intervenção, apontando-lhe os perigos que o ameaça como Estado, falando-lhe de Trento e Trieste!

Agora é Kyrkow que fala pelos socialistas búlgaros.

«Do nosso ponto de vista, a tarefa da classe operária dos países neutros não consiste de modo algum em os arrastar à guerra, mas pelo contrário em trabalhar com todas as suas forças para uma cessação das hostilidades. A participação da Bulgária na guerra mundial esgotará totalmente o nosso país já tão experimentado, expô-lo-há às invasões inimigas e talvez até lhe faça perder a sua independência nacional. O dever do proletariado búlgaro é enviar todos os esforços para evitar essas possibilidades.»

Para nós, o dever dos revolucionários sociais é prepararem, facilitarem, apressarem a revolução social, que a guerra retarda e dificulta.

Pobre socialismo! Como és apoucado por esses pequenos socialistas, que são pequenos burgueses, com pretensões a grandes... Parvus é um nome simbólico.

Parvus, parva, parvum...

Karl Liebknecht

Entrevistado por Ibáñez de Ibero, Karl Liebknecht declarou entre outras coisas o seguinte:

«Digam o que disserem, tenho por trás de mim, se não a maioria, ao menos uma certa parte do mundo operário. Todavia, não tenho grandes ilusões quanto às minhas probabilidades de êxito; mas é para mim um dever adoptar esta atitude. Procedo assim por princípio, pois entendo que a minha acção é conforme ao ideal do nosso partido operário.»

Falando das concessões esperadas do governo, com o qual os social-democratas vilmente mercadejam, Liebknecht exclama:

«Concessões!... Concessões!... Não acredito nisso de modo algum. E haveria, aliás, coisa mais imoral do que essa combinação que consistiria em dizer ao governo: «Dai-nos direitos políticos e nós vos concederemos os vossos canhões?» Não! neste ponto estou em absoluta contradição com a maioria do meu partido.»

E concluindo: «Nós, socialistas internacionais, não podemos desejar o esmagamento da França e da Inglaterra, cujas consequências seriam desastrosas para os proletários dos dois países, estendendo-se ao mundo operário alemão.»

Sejam quais forem as divergências de tática que os separam de Karl Liebknecht, os revolucionários sociais jamais poderão esquecer-se da postura heroica deste homem corajoso, que para sempre se honrou, honrando a Internacional. Escolheu o seu modo de ser solidário com os sofrimentos da massa e, embora desejando ter a massa a seu lado, não seguiu a maioria só para lhe conquistar confiança.

Segundo recentes notícias, Liebknecht recebeu ordem de ficar à disposição das autoridades militares; assim, não poderá escrever artigos nem assistir a reuniões públicas. Só poderá ir às sessões do parlamento imperial e do prussiano. A mordaca triunfa. Mas a sua voz já foi ouvida e retumba pelo mundo.

O congresso do Ferrol

Acaba de aparecer no Ferrol o quinzenário *Cultura Libertaria*, especialmente destinado a defender a ideia de um congresso internacional contra a guerra, a celebrar-se naquele porto em 30 de Abril, 1 e 2 de Maio. Saudamos calorosamente o novo combatente, cujo endereço é: Plaza Ferriandiz, 43-2.

Cultura Libertaria responde às observações que aqui fizemos sobre o congresso, e nós folgamos de ter provocado uma resposta cheia de confiança e entusiasmo. Também crêmos que é preciso fazer alguma coisa de acordo com as nossas ideias, remar contra a maré, protestar sonoramente, embora tudo fique apenas num esforço sincero. Simples protesto verbal foi o de Karl Liebknecht, que não se ilude sobre o efeito prático imediato do seu clamor, e no entanto esse protesto retumbou e abalou as almas.

Para nós, revolucionários portugueses, o futuro Congresso tem especial importância, como também faz notar com justa razão o *Germinal*. Nele se poderão apertar os laços de solidariedade entre as classes trabalhadoras da Península, cimentando-se uma garantia de paz entre os dois povos, firmada sobretudo pela generosidade e valentia do proletariado espanhol, o proletariado das insurreições de Alcoy e Cartagena, o proletariado da revolta antiguerriista da «Semana trágica».

Viva, pois, o Congresso do Ferrol contra a guerra e pela paz — não à paz arranjada nas chancelarias, armada de canhões e de cilaças, mãe de futuras guerras entre os povos, mas a paz baseada na solidariedade internacional do proletariado, imposta pelos povos aos governos, mãe igualmente duma guerra: a dos explorados e oprimidos contra os exploradores e opressores.

As adesões e a correspondência relativa ao Congresso devem ser dirigidas ao secretário Lópes Bauza, calle Canalejas, 166, Ferrol, Galiza (Espanha).

Manufactores de calçado de Lisboa

É hoje que pelas 14 horas realiza esta associação, na sua sede, a sessão solene comemorativa do 6.º aniversário da sua fundação.

OS ANARQUISTAS E A GUERRA

O socialismo tem a sua razão de ser no facto económico da irreductibilidade e do antagonismo entre os interesses proletários e os interesses burgueses; é um movimento de luta e de redenção da classe; e desde que esta redenção se acha subordinada à destruição do monopólio económico e do privilégio político da burguesia, não necessitamos de dispensar uma quantidade de energia, relativamente pequena, para demonstrarmos que o movimento socialista é movimento revolucionário, não só porque revolucionária é a sua aspiração de sempre, mas também porque revolucionária e irreductibilidade cotidiana deve ser a sua obra de todos os momentos, de todos os instantes.

Ora, colaborando com o Estado no conflito actual, além de ser reduzida a zero a luta de classes, semelhante colaboração anularia qualquer veleidade de acção revolucionária e insurreccional. E foi, indiscutivelmente, partido destas premissas e de outras que melhor que ninguém eles conheciam, que os anarquistas alemães, ao contrário do que se deu com a social-democracia, repudiaram toda e qualquer solidariedade directa ou indirecta com o louco furioso de Berlim e seus acólitos.

Não promoveram a insurreição, é certo; mas o seu número diminuto explica claramente o procedimento dos nossos camaradas que, impotentes para conduzir as massas de harmonia com os princípios e métodos de acção, preferiram o exílio a participar do monstruoso crime que ensangüentava a Europa inteira.

A *União Livre dos Sindicatos alemães*, constituída por autênticos sindicalistas revolucionários, que, em Berlim, publicava, os periódicos *Enigkeit* e *Pionier*, foi competida pelas autoridades do Kaiser, a suspender a sua publicação; mas a comissão executiva da *União* continuou a luta por meio de um jornal manuscrito redigido pelo sindicalista Fritz Kater. Os anarquistas, porém, optavam pelo exílio e actualmente, os refugiados na Suíça e na Dinamarca, publicam em idioma alemão os jornais *Solidaritet*, em Copenhague, e *Revolutionser*, em Zurich.

Em dezembro passado, editado pelo *Solidaritet*, de Copenhague, publicou o nosso camarada alemão Paolo Schreyer um opusculo intitulado *A Social Democracia e a guerra - Uma palavra às massas operárias*, do qual traduzimos os seguintes períodos:

«Pensas nuns escuros passamos sobre a Europa. A tua temida guerra é uma realidade; e sob os seus golpes cai em ruínas não só a civilização que repousa sobre a opressão do povo produtor que nada possui e que nenhum direitos tem e que destrói as suas próprias criações nos campos da batalha da Bélgica, da França, da Polónia e da Galícia, mas também a nova civilização que o povo trabalhador cria por meio das suas lutas e das suas batalhas, guiado e representado pelo movimento social revolucionário.»

«Hoje, mais que nunca, está justificado que o proletariado não tem pátria a defender; um único inimigo deve combater: o capitalismo internacional. Consideremos a pátria russa. Ela rouba ao produtor uma grande parte do produto de seu trabalho em benefício de instituições que defendem os exploradores do povo. A pátria russa torna-lhe amargos os melhores anos da sua vida, obrigando-o a servir na armada ou no exército. Ela sacrifica-o no altar da Patria quando as necessidades do Império o exigem. A pátria russa exclui-o, se é pobre, da escola; e na escola, oferece-lhe, em compensação, uma enfiada de bugiungas religiosas e políticas para o tornar um objecto de exploração sem vontade e sem coragem. E se o camponês ou o operário deseja do Estado qualquer coisa que possa utilizar, e se pretende obter do seu explorador meios para ocorrer às necessidades da vida, o Estado oferece-lhe o Knut em troca da sua probidade e imbecillidade. Ele eucaroa-o, envia-o para a Sibéria, deixa-o apodrecer miseravelmente nas prisões Katorga, ou mata-o com os golpes do gato de sete rabos. E deve qualquer operário russo defender semelhante Rússia...?»

O mesmo succede na Alemanha! O proletariado alemão, como o russo, é sacrificado em holocausto aos interesses sagrados dos senhores.

Schreyer estabelece por esta forma o paralelo, demonstrando que entre as condições do proletariado russo e as do proletariado alemão nenhuma diferença existe sob o ponto de vista económico, político e social.

Nesta ordem de ideias, Schreyer defende admiravelmente a tese de que seja de que lado for que se coloquem os anarquistas, esta-

ção sempre, não só contra os seus princípios mas também, e sempre, contra os interesses do proletariado.

«Devem os proletários agir como inimigos de seus irmãos de trabalho, contra Schreyer, com quem ainda ontem se encontravam ombro com ombro na oficina, lembrados na guerra para a conquista de um melhor salário e por um menor horário? Não eram eles, ainda agora, amigos, companheiros de trabalho, soldados do mesmo exército na luta contra o inimigo comum, o capitalismo? E devem hoje trucidar-se mutuamente no interesse do mesmo inimigo comum?»

«Mais de meio século é passado desde que se fundou a velha «Internacional operária». Ela morreu na disputa entre Marx e Bakunine, disputa que designava a separação entre o socialismo de estado e o comunismo anárquico. Hoje é sobre as ruínas da guerra que se faz a internacional social democrática. Ela era mais um partido político internacional que a internacional operária, e naufragou na preponderância dos interesses nacionais que a Social-Democracia defendia. Mas das ruínas dos velhos métodos de luta operária, um novo método surgirá baseado sobre um fundo anti-estatal e anárquico.»

«O anarquismo retemperará o coração dos operários, e, banido o influxo nacional, será impossível aos senhores conduzir de novos os operários para uma guerra mundial. Conhecendo os seus verdadeiros interesses, o proletariado não combaterá mais que numa só guerra: a guerra internacional contra a exploração e a opressão internacionais.»

E viva a guerra de libertação dos operários!

Eis aqui a opinião de um alemão que se não deixou ir na avassaladora onda de sangue e logo que tenta exterminar o continente europeu, reduzindo tudo à morte e tudo submetendo à vontade de ferro dos canhões, qual deles o mais potente e destruidor.

E a civilização burguesa em que nos achamos integrados? E as relativas liberdades que fruimos?

A civilização, na boca dos burgueses, está a n constante perigo sempre que os seus interesses correm o risco de ser absorvidos pelos de qualquer antagonista na concorrência do mercado mundial. Se os bárbaros ameaçam os nossos interesses, aliás poderosa razão de estado; se o património que as gerações passadas nos legaram está seriamente ameaçado de destruição pelos nossos inimigos externos que ameaçam invadir e desbaratar o berço da civilização, logo os nossos senhores invocam mil sofismas e exploram mil prejuízos e sentimentalismos afim de espar a simpatia de todos, sem exclusão dos anarquistas, nas épocas normais considerados pelos mesmíssimos tartufos fora do *direito das gentes*. O artificio é demasiadamente grosseiro para que nos deixemos iludir e, de olhos fechados, os sigamos. Quando da guerra entre a Rússia e o Japão — aquela Japão que hoje é aliado dos defensores da civilização! — era o império nipónico que ameaçava a Europa inteira com o *perigo amarelo*. Agora é o pangermanismo consubstanciado nas hostes dos hunos kaiserescos que ameaça desbaratar parte daquela Europa que então correu grave perigo. Ontem a expansão do Japão motivava serias apreensões aos *civilizadores europeus*; hoje o perigo da Europa civilizada ser reduzida a escombros pelas hordas vândlicas vem, não de qualquer das outras quatro partes das cinco em que o nosso mundo se divide, mas sim de uma parcela da mesma Europa.

Como se compreende, pois, que o que ainda ontem era um sério perigo para a civilização europeia hoje seja um dos seus estímulos?

Como justificar semelhante sofisma?

Que respondam os luminares da situação actual que para todos os absurdos encontram *aceitáveis* soluções.

Mas ha liberdades que devemos defender; ha liberdades que de maneira nenhuma devemos hipotecar, alegam os intervencionistas.

Sim, existem liberdades, não o negamos; mas essas liberdades relativas que fruimos jamais nos foram concedidas pela livre vontade dos governos. Essas liberdades conquistou as o proletariado jogando a vida nas barricadas, nas forcas, nas guilhotinas e nos exílios!

Ora sendo essas liberdades tanto mais latas quanto mais o povo se afirma rebelde e insubmisso ante as prepotências governa-

tivas, o termometro regulador delas é a pressão popular sobre os detentores dos destinos dos povos. Gulpilhares, 1915.

GIORDANO BRUNO.

Bakunine e a guerra... de 1870

«Talvez erroneamente, Bakunine considerava «um verdadeiro bem para a França e para a revolução social universal a invasão dos prussianos,» pois sem ela os próprios socialistas haviam de tentar uma revolução de Estado, com exército e tudo.

Os internacionalistas — e não eram em geral anarquistas, sobretudo com a experiência e a teoria de hoje — folgavam com a derrota do império, em vez de combater por ele; Vítor Hugo agradecia aos alemães o serviço prestado; e os próprios republicanos só se interessaram pela defesa depois de proclamada a república.

Proclamada esta, Bakunine não hesitou em lançar-se em tentativas de revolução, como a de Lião, que lhe valeu a acusação de agente pago da Prussia e da qual o velho Liebknecht, aludindo ao programa dos insurrectos, escrevia: «Não se poderia ter feito melhor na secretaria da imprensa, em Berlim, para servir os desígnios de Bismarck.»

O que ele queria era a criação duma França nova «com a união dos campos e das cidades na revolução social;» depois de ter despedaçado o poder de acção do mecanismo administrativo nas mãos dos bonapartistas, os republicanos sinceros deviam aniquilá-lo por completo, entregando a iniciativa da acção a todas as comunas revolucionárias da França, libertadas de qualquer governo e de qualquer tutela, e chamadas portanto a formar uma nova organização, federando-se entre si para a defesa.

Tal era a França que ele queria salvar e tal era o MODO COMO ele o pretendia fazer: não a França em poder do Estado, mas sim a França nas mãos do povo e com a revolução social.

Que diria ele então duma coligação de potências contra outro grupo igual? Que diria ele, o ardente inimigo do panslavismo, a respeito duma aliança com a Rússia?

«Firmemente convencido de que uma grande república militar, burocrática e politicamente centralizada pode tornar-se e forçosamente se há-de tornar uma potência conquistadora no exterior e opressiva no interior,» ele que assim previu a França de hoje, que diria, vendo-a associada ao império russo, cuja destruição era um dos fins supremos da sua vida, ao tsar de todas as Rússias, contra o qual, bem como contra os Estados e burguesia eslavas e austro-alemãs, ele aconselhava a união dos povos eslavos com o proletariado alemão?

Que, se ele hoje se fizesse também partidário dum grupo de Estados e da «guerra de libertação», nem por isso teríamos deixado de seguir o nosso caminho, do qual não nos desviamos os homens mais estimados e mais estimáveis, o caminho pelo qual enveredámos logo ao estalar a guerra, antes que falassem os oráculos.

Temos razão amanhã

Tal é o título dum excelente artigo do camarada suíço Jorge Herzog, velho internacionalista, artigo que não podemos transcrever por ser demasiado extenso. Critificando os guerristas e partidários da intervenção em favor dum Estado e aludindo aos sinais de descontentamento popular, como confessou o ministro Malvy a Sebastião Faure, conclui assim:

«E então? Então o nosso modo de conceber a propaganda revolucionária fora de qualquer ideia nacional impõe-nos o dever de permanecermos nesse terreno, de a ele nos agarrarmos, para poder retomar a luta, sem que sejamos forçados a recorrer amanhã a um *mea culpa* que nos tiraria todo o valor de propaganda e de acção entre os trabalhadores, actualmen-